

EDUARDO LOURENÇO E AS LABIRÍNTICAS RELAÇÕES BRASIL-PORTUGAL

Maria de Lourdes Soares
UFRJ

Uma relação real, adulta (...), entre os nossos dois países como *cultura*, só pode existir com base no reconhecimento de um estado de coisas que, em vez de nos aproximar, institui ou perpetua a separação que, por boas ou más razões, afastou as nossas culturas uma da outra.

Eduardo Lourenço

1. Analisando artigos publicados por ocasião das Comemorações dos 500 anos, Eduardo Prado Coelho chamou a atenção para a persistência da idéia de que Brasil e Portugal são países irmãos, unidos por uma amizade histórica. No que concerne às relações entre o Brasil e Portugal, essas "confusas e atribuladas comemorações" revelaram-se uma excelente oportunidade "para desfazermos alguns equívocos e prepararmos um terreno limpo para novas iniciativas". Endossando o pensamento de Eduardo Lourenço, o ensaísta observou que é precisamente essa retórica baseada na idéia de relações familiares que tem alimentado o mito da fraternidade luso-brasileira, "fraternidade algo assimétrica, porque do lado português era colorida de sentido paternal e do lado brasileiro implicava um sentido filial (que não excluía um secreto desejo de parricídio)". Diante de tão enredada "teia de complexos, em lugar do meio caminho da fraternidade ambígua", talvez fosse mais vantajoso fazer o caminho todo" e "avancarmos para o estatuto de parceiros que ainda por cima têm a vantagem de uma língua em comum (o que, no plano cultural, tanto une como separa)". Não é, portanto, recorrendo a discursos que reforçam esse mito que ambos os países conseguirão estabelecer um efetivo diálogo. Sobre o modo

moderno de Portugal se fazer presente no Brasil e os possíveis caminhos para efetivar essa presença, vale a pena transcrever as instigantes considerações do final do artigo de Prado Coelho:

Portugal que, durante longos anos jogou com boas vontades recíprocas e no empenhamento de alguns notáveis professores no plano universitário, tem hoje, se quer obter de facto alguma presença, no Brasil, de actuar em termos muito intensos de indústria cultural e de ocupação mediática. Doutro modo, estaremos condenados àquelas descrições desalentadas de uma comunidade portuguesa profundamente envelhecida e conservadora em total ruptura com os valores culturais dos filhos, e que tem como único recurso para adiar a anunciada catástrofe umas festas com comida e ranchos que dançam músicas minhotas com trajos alentejanos¹.

Se a presença de Portugal no Brasil conseguisse ir de fato além do estreito círculo da boa vontade e do esforço de alguns professores, a autora deste artigo, professora universitária de literatura portuguesa - não necessariamente abnegada e muito menos notável, mas decerto interessada em promover essa presença e o intercâmbio cultural entre os dois países -, não lastimaria, por exemplo, o reduzidíssimo número de espectadores brasileiros do filme *Inquietude*, de Manoel de Oliveira, praticamente ignorado pelo público na curta temporada da sua exibição no Brasil, apesar dos elogios da crítica e do reconhecimento internacional do diretor português.

2. Leitor atento de mitos como o da "amizade tradicional e fraterna luso-brasileira", no ensaio "Brasil – caução do colonialismo português"², publicado em 1960 no jornal *Portugal Livre*, de São Paulo, Eduardo Lourenço já chamara a atenção para alguns equívocos em torno das

¹ COELHO, Eduardo Prado. A oportunidade. *Público*, 06/05/2000, www.publico.pt/leituras.

² LOURENÇO, Eduardo. *O fascismo nunca existiu*. Lisboa: Dom Quixote, 1976, p. 45-47. Nesse artigo, Lourenço desenvolve importantes reflexões sobre o mito do colonialismo português e a sua "configuração tão estranhamente idêntica à da ditadura 'sábia, paternal' " de seu "inefável chefe", "ambos a dupla face de uma só e idêntica situação: a de Nação Colonialista".

Comemorações ditas nacionais, sublinhando as implicações da participação do Brasil, nação anticolonialista na sua essência, em "festivals do salazarismo", como as Comemorações Centenárias (1940) e as Comemorações Henriquinas (1960). Portanto, datam de pelo menos 1960, ou seja, imediatamente após o período brasileiro de Lourenço (1958-1959), as primeiras reflexões do ensaísta sobre o tema das relações luso-brasileiras.

Em recentes entrevistas e artigos, o ensaísta vem sublinhando a distância mais do que física - a *distância cultural* - que separa os imaginários dos dois países. O conjunto de textos de "Imagem e miragem da lusofonia", incluídos no livro que recebeu o sugestivo nome de *A Nau de Ícaro seguido de Imagem e miragem da lusofonia*, veio ao encontro do anseio, por parte dos estudiosos da obra de Lourenço e dos interessados nas "relações luso-brasileiras", de ver publicado de forma mais sistemática o pensamento do autor sobre esse tema. Os títulos de alguns desses artigos já adiantam e sintetizam o diagnóstico do ensaísta: "Nós e o Brasil: ressentimento e delírio"; "Uma língua, dois discursos"; "Portugal-Brasil: um sonho falso e um único sonhador". Embora escritos quase uma década antes das polêmicas celebrações dos 500 anos de Brasil, alguns artigos que integram a segunda e última parte desse livro antecipam-se ao debate em torno dos equívocos apontados por Prado Coelho, contribuindo para preparar o terreno para o ansiado diálogo.

Mal-resolvida até hoje, a questão colonial encontra-se no centro das labirínticas "relações luso-brasileiras" ou "não-relações". Lourenço sabe que, para percorrer o labirinto dessas não-relações, é preciso pôr o dedo na ferida, ainda que ela muito doa dos dois lados do Atlântico. Em "Portugal-Brasil: um sonho falso e um único sonhador", observa que Portugal, "raiz", ou melhor, "sangue " do Brasil, desapareceu do discurso cultural através do qual o Brasil se contempla e se sonha: "de todas as antigas terras de 'colonização' europeia, o Brasil é a única que não tem 'pai'". O "tempo plenamente brasileiro" não pode ser o da "colônia-Brasil": os brasileiros "preferem não

ter passado" e ser unicamente o "futuro", sonho digno da "grandeza do Brasil". Portugal não tem nenhum lugar nesse sonho. Quanto à chamada "comunidade luso-brasileira", trata-se de "um mito inventado unicamente pelos Portugueses"³.

O discurso cultural brasileiro oscila "entre a tentação de assumir e abraçar o passado de todo o Brasil e a tentação de admitir dois sujeitos actuates nesse passado, dois quais um, o português, não constitui, em última análise, objecto de compreensão". Por sua vez, o discurso português, através do olhar superlativo que lança ao Brasil, exhibe uma carência de fundo.

Se o discurso cultural brasileiro comporta uma espécie de esquizofrenia latente devido à preocupação, afinal absurda, de procurar uma identidade imaginária numa "indianidade" *a posteriori*, forma de recalcar o ato fundador português, o discurso português sobre o Brasil é puro e simplesmente retórico e onírico. Esse discurso sem qualquer conteúdo real está, há muito tempo, ritualizado em formas convencionadas. Para nós, os Portugueses, o Brasil é o país irmão, designação que nos envaidece, naturalmente, mas que, no fundo, tem por objetivo esconder a relação de origem que os brasileiros não estão interessados em evocar. O discurso português sobre o Brasil, tal como o transmite uma longa tradição retórica e historiográfica, incessantemente reescrita, é produto de uma pura alucinação da nossa parte, alucinação que os Brasileiros - há pelo menos um século - não ouvem nem compreendem⁴.

Em suma, os discursos culturais dos dois países são nitidamente dissimétricos. No discurso cultural brasileiro, o ensaísta aponta a rasura consciente ou inconsciente das raízes lusitanas; o racalcamento "do acto fundador português"; o parricídio permanente do pai colonizador que o

³ LOURENÇO, Eduardo. *A nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999, p. 156-158.

⁴ LOURENÇO, Eduardo. *A nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999, p. 147-150.

Brasil teve de matar para poder existir; a invenção de uma origem de sonho, fora do passado colonial, como se os brasileiros "fossem filhos de si mesmos". No discurso cultural português, a insistência no mito da fraternidade luso-brasileira; a existência hiperbólica que conferem ao Brasil, mesmo que essa existência seja quase sempre mítica, sobretudo como suporte simbólico” dos “antigos sonhos imperiais”; a imagem "extravagante" que os portugueses têm do Brasil, "por muito afastada da realidade dos laços que mantêm com esse grande país"⁵. Trata-se, na verdade, de um "diálogo de surdos institucional", de uma invisibilidade mútua, de uma desfocagem de visão, por excesso (de Portugal em relação ao Brasil) ou por escassez (do Brasil em relação a Portugal):

Nós vemos de mais - em termos de mero onirismo - o Brasil, e o Brasil ou não nos vê, ou tem uma dificuldade enorme de imaginar-se vinculado a uma matriz percebida, aceite ou celebrada como portuguesa. À semelhança de qualquer coisa que esteja inscrita efectivamente no seu código identitário como a romanização está em nós, que já nem latim falamos⁶.

Lourenço põe o dedo no ponto nevrálgico, nomeando corajosamente a dor dos portugueses (e, portanto, também sua), uma espécie de ferida ou mal de amor, por não serem correspondidos ou percebidos - pelo menos não com tanta intensidade ou da maneira como gostariam. Enfim, dor de

saber, perceber e até compreender *que nós não somos um problema para o Brasil*. Ou só o somos negativamente, quando, em momentos de profundo ressentimento de imaginários pais mal amados ou ignorados, cedemos a tentação de nos enervar com a *desatenção* brasileira a nosso respeito⁷.

⁵ LOURENÇO, Eduardo. *A nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999, p. 147-150.

⁶ LOURENÇO, Eduardo. *A nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999, p. 168.

⁷ LOURENÇO, Eduardo. *A nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999, p. 141.

O ressentimento latente do discurso cultural brasileiro, evidenciado na rasura consciente ou inconsciente da raiz lusitana e em outras manifestações de antilusitanismo, encontra-se também no discurso cultural português, igualmente ressentido por o Brasil não saber, ou não querer saber da sua origem lusitana, inventando sua própria versão das origens, o seu "romance familiar". Sintomaticamente, os discursos culturais dos dois países se assemelham não apenas pela atitude ressentida, mas também pelo delírio: “antologia de lugares-comuns antiportugueses ou florilégio de ditirambos consagrados ao Brasil são as faces simétricas de dois discursos culturais *sem verdadeiro objecto* e, a esse título, identicamente delirantes”⁸.

Sobre o “recalque da lusitanidade” por parte do Brasil, traduzido pelo sentimento de “estranheza”, “preconceito” ou mesmo de “desdém” em relação às questões portuguesas, vale a pena transcrever o primeiro parágrafo de uma recensão crítica a *Mitologia da Saudade*, primeiro livro de Lourenço publicado no Brasil⁹:

Um livro sobre a saudade, escrito por um intelectual português, tem tudo para provocar reações alérgicas no público brasileiro. Não há coisa a que sejamos mais refratários do que à cultura portuguesa. Para nós é quase uma contradição em termos. Fernando Pessoa e José Saramago só passaram por nossa alfândega porque recalcamos a lusitanidade deles¹⁰.

⁸ LOURENÇO, Eduardo. *A nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999, p. 140-141.

⁹ Publicado em Portugal com o título *Portugal como destino seguido de Mitologia da Saudade* (Lisboa: Gradiva, 1999) o livro passou por algumas modificações na edição brasileira (São Paulo: Companhia das Letras, 1999): além da supressão da primeira parte do título da edição portuguesa (“Portugal como destino”, justamente a que contém o nome de “Portugal”), também o texto com esse título foi deslocado do início para o final do livro. Essas modificações podem dar alguns indícios de uma curiosa rede de imagens e projeções envolvendo o Brasil e Portugal, lançando alguma luz sobre como os portugueses imaginam que os brasileiros os vêem e também sobre o olhar dos brasileiros para as questões lusitanas.

¹⁰ COELHO, Marcelo. Uma desistência maravilhosa. *Folha de São Paulo, Mais!*, p. 7, 5 set. 1999.

“A raiz portuguesa da cultura brasileira foi a mais recalcada” é precisamente o título de uma entrevista extraído de uma resposta de Lourenço: “com o tempo, das três raízes do Brasil, o português, o africano e o índio, a mais recalcada e minimizada na consciência nacional foi a portuguesa”¹¹.

Apesar da distância cultural, os discursos culturais do Brasil e de Portugal muito se parecem não apenas pelas idênticas atitudes ressentidas e delirantes, mas também pela forma desdramatizada com que brasileiros e portugueses se representam a si mesmos: "a consciência cultural brasileira, a relação que os brasileiros mantêm consigo mesmos (exactamente como os Portugueses...), não estão marcados por nenhuma *dramatização*"¹². A auto-representação desdramatizada, como apontamos em outros estudos, vincula-se à recusa ou rejeição instintiva do trágico, traço comum entre as duas culturas, embora cada uma delas encontre diferentes estratégias de contorná-lo ou rasurá-lo e manifeste essa vocação antitrágica de diferentes maneiras.

Esse aproblematismo de base evidencia-se no modo pelo qual Portugal vivenciou acontecimentos como a guerra colonial, o 25 de Abril e a perda das colônias africanas, sem nenhum reexame da sua antiga imagem, sem nenhuma alteração da *hiperidentidade*, profundamente ancorada na convicção (ou ficção) da antiga grandeza: “essas colónias tornaram-se independentes, sem que qualquer fenómeno que, de longe ou de perto, se assemelhe a um traumatismo da imagem nacional se tenha produzido entre nós”¹³. Um século antes, vivera sem efetiva conscientização a independência de sua maior colônia, levada a cabo pelo próprio príncipe herdeiro, caso ímpar talvez nos anais da história mundial. Como a identidade portuguesa

¹¹ LOURENÇO, Eduardo. A raiz portuguesa da cultura brasileira foi a mais recalcada. *Jornal do Brasil, Idéias*, p. 8, 27 ag. 1999.

¹² LOURENÇO, Eduardo. *A nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999, p. 147.

¹³ LOURENÇO, Eduardo. *Nós e a Europa ou as duas razões*. Lisboa: IN-CM, 1988, p. 12.

estava então vinculada à realeza, com o regresso do Rei ausente após “a fuga para o Brasil”, “podia ‘perder-se o Brasil’ sem problemas nem traumatismos”, embora evidentemente a consciência da crise da ‘imagem’ nacional tenha dado margem, através das obras de Garrett, Herculano (e, mais tarde, Oliveira Martins), a “uma interrogação generalizada da sua classe cultivada acerca não só do ‘estado’ da Nação, mas do seu papel na História e da sua realidade profunda”. Assim, com exceção do discurso crítico de escritores, historiógrafos e pensadores que desempenharam a função de *‘mitólogos de Portugal’*¹⁴, para os portugueses de um modo geral “acabou *sem drama*” um império de quinhentos anos, “cuja ‘posse’ parecia co-essencial à [sua] realidade histórica e mais ainda fazer parte da [sua] *imagem corporal, ética e metafísica*”¹⁵.

No artigo “ ‘Requiem’ por um império que nunca existiu”, escrito no ano da Revolução dos Cravos, Lourenço já sublinhara a “não problematização da história portuguesa”, lembrando que assim como a colonização nunca pôs problemas de consciência à metrópole, seria de esperar que essa “*ausência espantosa de problemas*” também se fizesse presente no momento em que, em nome do mito “*de não serem colonialistas*”, os portugueses ofereceram ao mundo uma descolonização-relâmpago e *sem problemas*”. Desse modo, apesar da distância de mais de um século, é possível encontrar “um laço rigoroso entre uma célebre apóstrofe de um deputado liberal vintista (que se vá o Brasil que não nos faz falta)” e o modo pelo qual os portugueses se desfizeram de uma “herança colonial”, de um “*império [que] nunca existiu*”¹⁶.

3. Brasil e Portugal têm em comum a língua, mas, como já foi dito, no plano cultural, a língua tanto pode unir quanto separar; os discursos culturais dos dois países privilegiam uma auto-representação desdramatizada, ou só dramatizada num sentido único, e isto é um ponto

¹⁴ LOURENÇO, Eduardo. Crise de identidade ou ressaca imperial? *Prelo*. Revista da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, no 1, p. 15-22, outubro/dezembro 1983, p.18.

¹⁵ LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. 4. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1991, p. 42.

¹⁶ LOURENÇO, Eduardo. *O fascismo nunca existiu*. Lisboa: Dom Quixote, 1976, p. 98-100.

comum, mas que mais impossibilita que propicia o efetivo diálogo. Diante de tão complexas relações, melhor é recorrer à literatura, a exemplo de E. Lourenço. Para mover o meu pensamento, apoio-me na matéria reflexiva extraída em parte da leitura dos textos de poetas e escritores dos dois lados do Atlântico. Brasil: como lidar, sem ressentimento, com a herança da raiz lusitana? Portugal: como visitar a nostalgia do mar sem nostalgia? Brasil e Portugal: sem esquecer que o trágico da colonização existiu, como transfigurar "o brutal encontrão" em "encontro de culturas"¹⁷? Se há ainda, em termos de distância cultural, "tantas léguas a nos separar, tanto mar", conforme versos de Chico Buarque, como fazer desse mar tamanho "um mar que unisse, já não separasse", como sonhou Pessoa? Da resposta a estes e outros desafios que no presente se impõem dependerão os futuros caminhos ou descaminhos luso-brasileiros.

¹⁷ LOURENÇO, Eduardo. Portugal "nação-navio". In: CUSATTI, Maria Luisa (org.). *Congresso Internazionale Il Portogallo e i mari: un incontro tra culture*. Napoli: I.U.O-Liguori Editore, v. I, p. XLV-LII, 1997, p. XLVII.